



JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.



O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

Quando uma excellente mãe deixa de existir, a humanidade sente um vazio no seio das suas mais bellas esperanças.

A mulher, cuja missão na terra foi preenchida pelos dictames das leis divinas e humanas, vòa ao Céu, e lá vai orar aos pés de Deus fruindo os gozos da bemaventurança eterna.

E quando esta mãe carinhosa, por diadema de suas virtudes, junta mais a qualidade de Soberana compassiva e generosa, não somos nós os unicos que lhe pranteamos sua eterna ausencia: a Nação que a perde estremece de dor; sente inteira a sua falta.

Assim estremeceu Portugal ao tiro funebre que annunciou a morte da sua Rainha: assim estremeçerão os corações brasileiros á fatal noticia do passamento da Augusta Irmã do nosso Monarcha: assim prantêo a sua morte aquelles que a virão nascer erguendo-se esbelta na terra do Guanabara.

Ah! um derradeiro adeus de saudade sem esperanças de longe dirijamos ao sarcophago real!

A REDACTORA EM CHEFE.

AS NOSSAS ASSIGNANTES.

Tributar louvores á hospitalidade pelo bom gasalhado, é, por sem duvida um dever do hospede reconhecido; e por ventura, minhas queridas assignantes, não tereis feito jus aos louvores d'este *Jornal* (de que sôu madrastra ha seis mezes) hospedando-o em vossas indulgencias?

Sôu de ha trinta dias a derradeira nota da escala dos signos, e o seu echo incerto já se escôa pelos antros de um preterito que nós antolha os instantes. Mais dous dias, e o anno de 1855 será de todo perdido, como a pedra que a mão do tempo arrancou ao pincaro das serranias e precipitou-a ás profundezas dos valles, d'onde jámais será trazida ás primitivas alturas!

Mais dous dias, e o anno de 1855 terá desertado... E deixal-o-hemos fugir? Oh! Que sim, e sem objecções; porque o seu reaparecimento importará um impossivel á realisação, como o é a ressurreição para o morto. Cumpre sómente recordal-o, como recordámos a presa da campã, quando sobre ella baixou a lapide funérea!....

A divida que pelo espaço de seis mezes contraí de vós, tem de saldar-se; ficará satisfeita intrinsicamente; mas a paga á confiança que fizestes de vossa credora ficará em deficit, porque ella importa uma illimitada gratidão.

Não desmentistes por certo a idéa que formei de vossa coadjuvação, quando assumi á cathedra de Redactora em chefe deste *Jornal*; ainda uma vez forão de sobra as provas com que documentastes o vosso amor pelas letras e os vossos anhelos pela emancipação intellectual do nosso sexo.

Agradecida pois em extremo pela aquisição da collaboração com que fui honrada durante o tirocinio d'este simestre, congratulo-me em manifestar-vos as minhas esperanças na continuação d'esse acolhimento e benevolencia que caracterisão os vossos corações.

G. N. P. dos Santos Neves.

REDACTORA EM CHEFE.



Estamos enfim chegadas á ultima tarefa deste anno escrevendo-vos ainda algumas das toscas linhas do costume, para dar-vos as boas festas, e dizer-vos um adeus até ao anno novo.

Pena foi que a semana se tivesse enlutado tristemente com a infausta morte da Soberana de Portugal cujas antigas afeições ainda estão gravadas nos corações brasileiros que pranteão sua irreparavel perda, e por isso acompanhão na dôr ao Monarcha Brasileiro, seu augusto irmão. Se assim não fóra; se de tão justo e profundo sentimento eu e todas vós não partilhassemos.... tinhamos que ver e conversar: a semana teria sido uma das mais bellas do mez de Dezembro. Mas como haveis de presumir, os dias se passarão em transacções mercantis e as noites em morno silencio.

A noite da installação do *Club Fluminense*, essa noite de movimento, que um esplendido e brilhante baile, hourado com a presença de Suas Magestades Imperiaes ia abrir-lhe um lisongeiro futuro, não teve lugar. Outros muitos erão os divertimentos projectados que tiveram igual sorte; e apenas realisarão-se alguns casamentos, cujos noivos com muita razão já não podião esperar mais.

As modistas occupão-se do luto para a Corte, que acompanha por seis mezes Suas Magestades Imperiaes em seu pesar.

O ministro de Portugal convidou aos subditos da sua Nação que tambem tomassem luto por espaço de seis mezes, sendo tres de luto pesado, e tres alliviado.

Os theatros fecharão-se e os divertimentos publicos cessarão por oito dias.

O campo será o nosso unico refrigerio nestes dias anuviados e tristonhos.

Tenho de vos pedir mais uma vez, querida leitora, o vosso beneplacito, para que consintais no vosso *Jornal* a estampa de figurinos de cavalheiros que a redacção vos envia hoje pedindo-vos mil desculpas por ter feito chegar ao vosso toucador uma estampa que talvez vos pareça impropria ao titulo do *Jornal*. Esta permissão será tanto mais apreciada quanto deve ser generoso o vosso comportamento offerecendo no fim do anno uma bella e importante estampa aos cavalheiros de vossa familia que della poderão copiar o que de mais moderno trajou o bom-tom parisicense no seu ultimo verão.

Não descrevo a estampa, por julgar desnecessario isso, á vista da facilidade com que se pôde copiar o trajar de qualquer dos figurinos. Só vos remarcarei uma circumstancia para vos habilitar a responder a qualquer *perguntador* que se lembre de querer saber de que panno são as calças de xadrez escuro com fundo azul do terceiro figurino á direita, ou as do primeiro á esquerda. Essas calças fingem casimira, mas são de um brim moderno, de um tecido dobrado e forte, e de padrões mui lindos: a casa Castell rua do Ouvidor n. 44, recebeu por este penultimo vapor um bello sortimento destes brims.

Ao fechar este mal traçado artigo não posso deixar de vos pedir a continuação do vosso valioso apoio ao *Jornal das Senhoras*, ao *Jornal* que é vosso, e que á vós sómente deve a sua existencia. Para mim só ambiciono a vossa estima, e que para o anno novo nos encontremos—eu es-

crevendo o artigo de modas, e vós — assignante do *Jornal das Senhoras*.

Adeus, querida leitora, até ao anno de 1854.

Cattete, 25 de Dezembro.

Christina.

A noite de Natal em Goldberg, na Silesia.

Talvez em bem poucos sitios se celebre a noite de Natal com maior solemnidade do que em Goldberg. Parece que a origem principal desta festividade se deve á peste que em 1535 assolou estas provincias, e que segundo uma antiga inscripção que se encontra na igreja parochial de Goldberg, levou para cima de duas mil pessoas deste districto. A tradição refere que apenas sobreviverão vinte e cinco chefes de familia, e que achando-se fechadas todas as casas, os moradores de umas ignoravão a sorte dos outros. Um escriptor assevera ter sido esta peste tão violenta, que rara era a casa que se não achava fechada, e que pelas ruas e na praça do mercado cresceu herva. Affirma-se que um dos que sobreviverão se apresentára pelas duas horas da noite de Natal em um sitio chamado *Nieder-ring*, e que começára a cantar uma antiphona religiosa a fim de animar os seus visinhos, á quem a peste abafada pelo frio do inverno havia ainda poupado, convidando-os a celebrar um dia de tanta alegria para a humanidade. Em breve se lhe unirão varios amigos, e depois de haverem repetido o hymno, passarão a outro sitio chamado *Ober-ring* a convidarem os habitantes que ainda ali vivião a acompanharem-nos nos seus canticos. E' em commemoração deste successo que ainda hoje se celebrão as ceremonias que expomos.

Pelas duas horas da madrugada da noite de Natal mais de duas mil pessoas da cidade e aldeãs visinhas se ajuntão no *Nieder-ring* depois de haverem assistido ás matinas no convento dos Franciscanos, as quaes começam pela meia noite. O primeiro *balio* da villa, acompanhado dos seus subalternos, seguindo o *king cantor*, que em geral é a pessoa de melhor voz daquelles contornos, sahem em procissão para o *Nieder-ring*; e ali se formão em círculo. Apenas o relógio da cidade dá as duas horas, o *balio* em alta voz proclama a hora, e o cantor começa o hymno — *Entré nós nasceu um menino* — que é respondido em côro pela multidão presente e pelos habitantes das casas visinhas que illuminão as suas janellas. Depois de terem cantado outro hymno proprio do dia, marchão todos em procissão até o *Ober-ring*, e formando-se ali tambem em círculo cantão outros hymnos. Todas estas ceremonias são feitas com o maior decoro, e se tornão mui solennes e tocantes, por terem logar no meio de um campo, e entre as trevas e silencio de uma noite invernososa, ao mesmo tempo que todas as propriedades por onde passão se achão illuminadas.

Concluidos os hymnos tocão-se varias trombetas na torre da igreja principal, e immediatamente todos os individuos presentes cantão em côro o hymno — *Só a Deus louvor pertence* —, e depois de varias peças de musica, tanto vocal como instrumental, que terminão pelas quatro horas da manhã, passão á igreja protestante onde cantão o hymno — *Vinde, pastores* — a quatro côros, que é lindissimo, achando-se a igreja magnificamente illuminada por velas e tochas de cera. Depois do sermão canta-se o *Te Deum* com acompanhamento de instrumentos; e pelas seis da manhã se conclue a festa, retirando-se todos para suas casas, onde então principia outro festim de alegria domestica.

Extrahi este artigo historico por me parecer muito a proposito dal-o ás leitoras no dia do Natal.

Viscondessa da...

Fragmento de um artigo.

O que é a poesia? O transfundir o ideal no real—o approximar o céu da terra, e elevar esta até o céu. A noite da missa do gallo gera a poesia em corações que no outro dia ella não saberia agitar. Onde e quando o camponez á meia noite do dia 24 de Dezembro dormir no seu pobre e duro leito, e a parochia da aldeã estiver ás escuras e fechada, embora as habitações ruraes revelem no aspecto exterior a abastança de seus donos; embora, ao longe, os valles e outeiros de redor da povoação prôvem que o progresso da agricultura e da industria é immenso nesse paiz; quando e onde não ouvirdes fallar na tarde desse dia os moços e raparigas, os velhos e as crianças na missa da meia noite, podeis derramar lagrimas sobre a sorte de um tal povo: elle cahiu no mais fundo abysmo da verdadeira desgraça:

Porque essa gente renegou dos poucos instantes em que a poesia visita aquelles á quem a Providencia não predestinou desde o berço para o viver mysterioso do poeta. Se os que ahí habitão deixarem balisas de recordações na sua vida passada, que outras podem ellas ser senão os marcos negros de desventuras e agonias que tantas vezes contristão a existencia do homem de trabalho, ainda nos paizes onde comparativamente se lhe pôde dar o nome de abastado e feliz?

Mal haja aquelle que pretende separar a religião do gozo popular. Quem o alcançasse não teria feito senão tornar aquella uma abstracção inintelligivel para o vulgo; este uma orgia grosseira, sensual e hedionda.

A religião melhora e santifica até os deleites das multidões: a religião é a unica piscina em que se podem mundificar os corações não educados pela civilisação e pela philosophia.

Mas para que é isto tudo? — Para que vem aqui este longo commento sobre a cousa mais trivial e simples — a missa do gallo?

E' para vos pedir que vos demoreis ainla por

um pouco na aldêa, que assentada nas faldas da serra alveja ao luar, soto-posta aos cabeços nevados, onde se pulem e tornão esplendentes os raios pallidos e sem brilho da lua que vai passando silenciosa nas solidões do espaço, rainha e senhora da noite.

Chezai-vos á esta gelosia baixa, cujas portas interiores estão ainda abertas, deixando passar a claridade da fogueira, que oudêa no extenso lar. — Vêde aquelle ancão cuja fronte calva enrugarão os annos, cujas melenas cahidas sobre os hombros embranquecêrão os invernos: vêde-o entre sua familia: sao tres filhas donzellas cujo unico arrimo e amparo é o venerando e respeitavel agricultor, seu pai. Estão todos assentados á roda de um bofete, cujos pés torneados em espiraes revelão a antiguidade dessa mesa secular e a tornão um membro da familia; porque parece que um destes velhos trastes sabe os segredos dos antepassados; porque sobre elle cahirão as benções de pais e de avós; antes de repartir o alimento aos filhos ou netos; porque sobre elle ficárão sussurrando as orações de graças dadas no fim da cêa por muitos annos, e por muitas gerações, e estas benções e orações vêm entretecer-se com as orações e benções do presente. Vêde como o velho reparte em silencio a suas filhas a cêa da noite do Natal, e como os rostos das donzellas são graves e severos, grave e severo o rosto de seu pai; como a tristeza pouza sobre esta familia, povoa esta morada, enquanto nas moradas visinhas as risadas da alegria restrugem entre o tinir dos copos, transpirão atravez das portas cerradas, e espalhão pela aldêa um sussurro, que indica a felicidade! D'onde procederá a excepção? — Porque este tristonho contraste?

Dizei: — não vos soa lá dentro uma voz semelhante a uma blasphemia — a uma accusação insensata cóntra a Providencia? Não vos parece que essa tristeza que vedes tem uma causa facil de perceber? Não imaginai que esses vultos melancolicos do velho e das donzellas que junto a um dos marcos da vida, parão e lançao os olhos aterrados pelo caminho do passado e do futuro, e que enquanto o pai vê que em sua peregrinação se approxima do logar do repouso, as filhas conhecem que apenas a tem começado? Não credes que o despedir-se d'esse romeiro da morte, a que se chama homem, quando elle se deitar para dormir seu somno de verdadeiro descanso, será dolorosamente terrivel, e que não menos o será para suas filhas que apenas encetão a romagem da sepultura, a que pozerão o nome de vida? O velho era o bordão a que as pobresinhas se encostavão e quando elle lhes faltar a quem hão de soccorrer-se as mesquinhas?

Porque lhes não deu a Providencia um irmão? Tihão um irmão: — mas a sociedade amarrou essa rez e arrastou-a para o grande açogue nacional chamado exercito. Blasphemai se quereis contra as instituições sociaes ainda semibarbaras; porém não blasphemais da Providencia.

A. HERCULANO.



POESIA.

ADEOS.

I.

Deixei-te celeste archanjo,
E cuidei não mais viver....
Mas uma vida entre dores,
Sem o aronia das flores,
Para que? antes morrer.

II.

Não gosar mais de teus olhos
Esse languido viver,
Nem dos labios purpurinos
Esses sorrisos divinos,...
É melhor então morrer.

III.

Infeliz, triste momento
Em que deixei de te ver,...
Momentos só d'agonias,
De continuo padecer?...
E n'ausencia dos teus mimos
Vai nas azas da sandade
Desfazendo-se minha alma
Pouco a pouco até morrer.

IV.

Essas lagrimas saudosas
Pelas faces a correr...
Esses ais tão pesarosos
Pelos ares a gemer....
Esse adeos, esse suspiro
Derradeiro e sem limites,
Sentil-o sim, um instante
Para nunca mais viver.

C.





Maria Stuard.

Maria Stuard, rainha de Escocia, nasceu a 7 de Dezembro de 1542: filha de Jacques V e de Maria de Lorena, herdou o throno de seu pai, isto dias depois do seu nascimento. Henrique VIII, de Inglaterra, quiz casar-a com o principe Eduardo seu filho, afim de reunir os dous reinos de Inglaterra e Escocia; porém este casamento não se realisou.

Na idade de seis annos tinha a joven rainha sido enviada para França, para ali ser educada em um convento; e tal foi o desvelo com que cultivou as letras, que não tendo ainda quatorze annos completos, recitou na presença de Henrique II e de Catharina de Medicis, uma oração latina de sua composição, em que mostrava quanto estava bem ás mulhêres cultivarem as sciencias.

Em 1558 casou com Francisco II, então Delfim, filho e successor de Henrique II; mas tendo seu esposo morrido dous annos depois, Maria voltou á Escocia, e casou em segundas nupcias com Henrique Stuard, seu primo, mais conhecido pelo nome de Lord Darnley. Este principe tendo sido morto pelos rebeldes, viu-se a rainha obrigada a desposar o conde Bothwell, um dos assassinos de seu esposo. Os facciosos, a cuja frente se achava o conde de Murray, filho natural de Jacques V, querendo desfazer-se da rainha, como se haviam desfeito do rei, atacarão a sua honra e virtude com as calumnias mais atrozes; e o fanatismo da religião serviu maravilhosamente á ambição de seus inimigos. Suppozão-se cartas de amores dirigidas por ella ao conde de Bothwell, cujos originaes não foram jámais apresentados; accusarão-na do assassinio de seu marido; e com taes manobras conseguirão levantar contra ella a maior parte da Escocia.

Abandonada do seu exercito, ella se viu na necessidade de entregar-se nas mãos dos conjurados, e ceder a corôa a seu filho. Obrigarão-na a nomear regente o conde de Murray, que a encheu de desgostos e humilhações; e disfarçou tanto menos o seu caracter feroz, quanto julgava já ver seguro o complemento de seus desejos e de seus artificios. Todavia a brutalidade do regente formou um partido á rainha. Ella pôde escapar-se da prisão, reuniu seis mil homens, e poz-se em campo com elles. Mas vencida, e obrigada a buscar a salvação na fugida, foi procurar um asylo na Inglaterra, onde só encontrou a morte, depois de 18 annos de padecimentos e captivoeiro.

A rainha Izabel, que então governava a Inglaterra, a recebeu a principio com honra e distincção em Carlisle; mas pouco depois lhe mandou dizer: — que sendo accusada do assassinio de seu esposo, era necessario que se justificasse. Nomearão-se juizes, e a conservarão presa em Tenksburi, com o pretexto de se lhe formar o seu processo. O maior crime de Maria foi ter amigos na sua desgraça. Izabel receio que ella lhe escapasse, e tornasse a subir ao throno, porque os Escocezes começavam a manifestar interesse pela sua rainha, logo que souberão que ella se achava presa em reino estrangeiro. Para

levar avante seus designios pretendeu Izabel haver descoberto uma conspiração a favor da sua rival. O processo dos accusados foi depressa concluido: um grande numero de homens distinctos, que haviam manifestado algum interesse pela real prisioneira, mas cujo unico crime, era a sua afeição á religião catholica, perecerão sobre o cadafalso: a maior parte dos historiadores os tem considerado como inteiramente innocentes, e como victimas preparatorias para um mais alto sacrificio.

Depois dessas sanguinolentas execuções, Izabel fez julgar Maria Stuard, sua igual, como se fosse um de seus subditos rebeldes. Quarenta e dous membros do parlamento e cinco magistrados foram á sua prisão fazer-lhe interrogatorios. Maria protestou energicamente contra esta violencia; mas respondeu ás perguntas. Nunca juizo algum foi mais incompetente, nem algum processo mais irregular. Apresentarão-lhe copia das cartas que lhe fazião carga, mas nunca os originaes: fizeram valer contra ella depoimentos de seus secretarios, sem que jámais consentissem em os fazer apparecer na sua presença; pretendêrão convencel-a com a confissão de tres conjurados, que haviam sido executados dias antes, e dos quaes se deveria ter deferido a morte para os confrontar com ella. Emfim, ainda mesmo quando se tivesse procedido com todas as formalidades que a justiça exige para o ultimo dos criminosos; quando mesmo se tivesse provado que Maria procurava ganhar partidistas e vingadores; nem ainda assim a podião declarar culpada. Izabel não tinha sobre ella outra jurisdicção que a do poderoso e fraco e desgraçado: mas a sua politica cruel exigia o sacrificio desta illustre victima. Maria foi condemnada á morte, e a recebeu com uma firmeza d'alma, de que os maiores homens nem sempre são capazes. Recusarão-lhe o seu capellão e tolas as suas pretensões relativas a sua sepultura. O conde de Kent, encarregado da execução, lhe exprobou até ao ultimo momento da execução a sua superstição, isto é, a fé catholica.

Parece que havia tenção de lhe arrancar a sua crença juntamente com a vida; mas a sua coragem foi superior a tudo. Quando foi preciso tirar seus vestidos, e o algoz se apresentou para fazer este serviço; ella o repelliu com dignidade, dizendo, que não estava acostumada a servir-se com semelhantes gentis-homens.

Depois de haver feito uma breve oração, a infeliz rainha estendeu tranquillamente o pescoço sobre o ceppo fatal, e recebeu a morte aos 18 de fevreiro de 1587, na idade de 44 annos. Só ao terceiro golpe a cabeça lhe foi separada do corpo, e o algoz mostrou dos quatro angulos do cadafalso esta cabeça que havia cingido duas corôas, como se poderia mostrar a de um famoso scelerado.

Tal foi o tragico fim da celebre Maria Stuard, princeza tão bella, como virtuosa. Rainha de França, pelo seu casamento com Francisco II, e rainha da Escocia por seu nascimento, ella passou quasi metade da sua vida no captivoeiro, e morreu de morte cruel. O seu afferro á religião catholica, seus direitos ao throno da Inglaterra, e, se-

gundo alguns historiadores, sua extraordinaria belleza, forão os unicos motivos da sua desgraça. Seria incrível esta ultima asserção, senão fossem assás conhecidas as pretensões que Izabel tinha a formosura, e o seu baixo ciúme contra Maria, de quem não podia ouvir gabar a belleza, nem mesmo ouvir pronunciar o nome, sem dar visiveis signaes do seu desgosto.

A doçura de caracter da infeliz Stuard; as graças de seu espirito; a protecção com que honrou as letras, e o aproveitamento com que as cultivou; sua resignação no meio das desgraças; e sua firmeza na religião de seus pais, tem feito sua memoria estimada de todas as almas sensiveis, mas sobretudo aos catholicos, que a venerão como martyr da fé. Nem as grandes qualidades da sua rival poderão jámais apagar esta mancha das paginas da sua historia. (Extr.)

Viscondessa da

CHRONICA DA QUINZENA.

De todas as maravilhas que nos sorriem neste mundo, as mulheres e as flores são as mais lindas, e o que é talvez de admirar, as mais semelhantes. Com effeito ha entre essas duas creações delicadas uma relação tão intima, um laço tão estreito, que julgo bem difficil conceber uma sem a outra.

Muitas vezes tenho reparado n'uma cousa; quando estudo a mais simples florzinha em todos os pequenos phenomenos de sua breve existencia, acho-lhe, senão a reprodução exacta, ao menos uma sombra da mulher: acho-lhe a graça, a belleza, a fragilidade; acho-lhe tambem o perfume, porém muitas vezes os espinhos.

Quem sabe se Deos não se esmerou por um capricho em reproduzir na natureza com diferentes fórmas, com destinos diversos, o mesmo pensamento, o mesmo modelo da belleza fragil e delicada! Quem sabe se fazendo-as assim irmãs, não formou d'umas as *flores com alma*, e d'outras as *flores com perfume*!

Já lêstes *Picciola*? E' a historia de um amor por uma simples florzinha, de uma paixão com todos os zelos e todas as emoções de um amor de mulher. E' um livro de imaginação, um idyllio singello, onde vereis quanta riqueza de sentimento, quanta profusão de affecto encerra o coração do homem. Lêde este livro; passareis uma hora agradável, e vos convencereis que podemos amar n'uma flor, a força de imaginação, a imagem de uma mulher.

Não vá porém esta leitura vos excitar zelos e ciúmes contra as pobres flores: podeis ficar certa que não ha neste mundo muitos homens de uma imaginação tão poderosa, como o apaixonado de *Picciola*: demais era um triste prisioneiro que tinha uma fresta estreita por horizonte, o silencio por companheiro, um raio de sol por amigo: não é muito pois que tivesse uma flor por amante. Nós porém, homens de imaginação fraca, in-

capazes de fortes abstracções, amamos apenas as flores que sentem, as flores que tem alma.

Por este lado, portanto, podeis ficar descansadas: não ide procurar na natureza algum *simile* do homem, e amal-o por despeito, como é vosso costume. Ah! que ainda uisto vos pareceis com as flores; mas com uma especie de que me esqueci fallar, — com as flores do ar — as *borboletas*.

E' provavelmente da ligação tão intima de que vos fallei, que nasce a sympathia que tem todas as mulheres pelas flores: — de certo procurão nellas, ou a imagem de sua belleza, ou um reflexo de sua alma. Aiuda não conheci uma mulher linda, uma mulher de espirito e sentimento, que não tivesse sua flor predilecta, a flor de seu gosto, que lhe traduzisse pouco mais ou menos na forma, na côr, ou no perfume, a sua maneira de sentir.

Algumas se deixão seduzir pela perfeição do molde, pelas côres brilhantes, e amão as rosas ou as camelias: — em outras faz mais impressão o perfume delicado do heliotropo, e uma simples florzinha mimosa e expressiva como a *myosotis*. As naturezas melancolicas gostão de se rever no róxo das violetas: — as almas puras e candidas se enlevão na brancura do lirio ou do jasmim.

Não é porém unicamente nas flores que se realisa esta necessidade poderosa que tem a mulher mais do que o homem, de reproduzir seus pensamentos. Tudo que á cerca se resente desta influencia, e se impregna com o seu contacto desse não sei que, desse cunho inexprimivel de originalidade, que é o privilegio das organizações superiores. Os livros que costuma ler, a musica que mais ama, as côres de que mais gosta, o perfume de sua predilecção, seu pentecado favorito, tudo isto é uma folha destacada do livro de sua alma, um gracioso hieroglypho da historia de sua existencia intima.

Estou tão convencido da verdade deste pacto, que não duvidaria dar-vos delle uma prova positiva.

Escolhei uma mulher distincta, mostrai-me a flor de sua affeição, fazei-me ouvir a sua musica favorita, descrevei-me o *toilette* do seu gosto, que sem conhecê-la, sem nunca tê-la visto, vos direi os seus sentimentos, a sua existencia, e até, avanço mais, adivinharei a sua idade, e os traços mais expressivos de sua physionomia.

Aposto que vos estais sorfindo, e zombando da minha exagerada pretensão: pois bem tirai d'entre os cabellos uma dessas vossas flores predilectas, e dai-m'a, que eu lerei nella como n'um livro aberto os vossos pensamentos, as vossas impressões, e talvez mesmo algum segredo bem recondito, um verdadeiro mysterio, que todo o mundo ignora, e que apenas confiastes a esta linda e muda confidente.

O que se dá á respeito da flor, dá-se tambem á respeito da musica e do *toilette*. E' verdade que a moda anda constantemente a mudar: mas que importa? Qualquer que seja a maneira de trajar ha sempre um certo bom gosto, uma suprema elegancia, que não está na fazenda, no molde, nem nas agulhas das modistas, e que pertence exclusivamente ás mulheres distinctas: — é neste bom gosto que corrige a moda, que lhe dá a graça

e a singeleza necessaria, que preside a escolha das côres e dos enfeites, que eu vejo retratar-se fielmente, como n'um espelho, o espirito, e muitas vezes tambem o corpo de uma mulher.

Tomareis, de certo, por grande arrogancia, se vos affianca a côr de uns olhos e de uns cabellos sem nunca têl-os visto, unicamente por saber a côr do vestido e dos enfeites: — entretanto tenho para mim que ha regras tão claras e tão instinctivas, que é impossivel deixar de as seguir. Por exemplo, uma moça de espirito comprehende necessariamente, que, quando a natureza deu-lhe com a alvura da cutis, uns olhos e uns cabellos negros, foi como que insinuando-lhe, que se traxesse toda de branco, e se enfeitasse com uma simples lita preta.

Eis-me, pois, por uma inducção a mais natural, adivinhando a côr dos olhos e dos cabellos de uma moça: e como estas tantas outras, que vos enfadaria, se as ennumerasse. Não tenho contudo a vaidade de ser infallivel nas minhas presumpções; não: — quem é que não se engana, principalmente fallando á respeito de moças?

Já nem me lembra a que veio esta analogia de flores e de *toilettes*... Ah! é verdade, foi a propósito de umas flores irmãs que vi, e nas quaes procurei decifrar um pensamento. Apesar porém de toda a minha penetração não foi possivel: — não sabia se a causa que tinha decidido a escolha destas flores, era uma predilecção, um acaso, ou uma intenção occulta: e por isso não tive um fio que me guiasse neste labyrintho de duvidas e incertezas.

É sina minha andar sempre ás voltas com as flores: por mais que deseje não posso (e á fallar á verdade não procuro) fugir dellas: ao contrario são ellas que logem de mim. Como pois o meu condão é andar preso á estas lindas creaturas, não tenho remedio senão amal-as: porém não quero mais as *flores da terra* que tem espinhos e me causão dôres; — não quero as *flores do ar* que tem azas e são inconstantes: — agora só quero amar as *flores do Céu*, as pallidas estrellas que me deixão olhal-as á meu gosto toda a noite, que vertem para mim docemente e sem despeito os raios de sua luz calma e suave.

Farece-me que vos estou vendo abrir nos labios um sorriso de zombaria pelos meus amores celestes, principalmente nas noites de chuva. E' verdade: tenho as noites de chuva: porém é um grande consolo pensar que entre o véo das nuvens que encobrem o Céu, as minhas estrellas, senão brilhão para mim, não brilhão para mais ninguém: brilhão unicamente para os olhos de Deus.

Poupai-me portanto esse sorriso de mofa, tanto mais que ahí chega o momento das despedidas: o anno vai desfolhando os seus ultimos dias, e breve entrará nos dominios do passado: é justo que no meio dos prazeres da festa, voltando um olhar sobre os tempos que corrêrão, desfolheis tambem uma saudade sobre as recordações dos dias felizes que não voltão. Talvez seja a unica magoa que haveis de sentir, porque no mais a vida se deslisará para vós pura e risouha entre as folganças do Natal e os prazeres do campo, até que uma bella manhã o

anno novo vos desperta trazendo-vos o ultimo retoque de uma graça, ou a realisação de um desejo querido.

Hei-de encontrar-vos de certo em Petropolis, alegres e travessas passeiando pela margem dos cauaes, com as faces coradas, e o rosto animado pelo prazer e pela saude: pôde ser que enxergueis á beira d'agua entre a relva uma florzinha azul, a *vergismeinithe*, não te esquece de mim. Colhei esta flor: é a minha despedida. Não é original, bem sei: todo o mundo se despede desta maneira desde o poeta allemão que primeiro cantou a flor da ausencia: o numero porém não está completo, ainda ha logar para muita gente. Colhei portanto a *myosotis*, e talvez um echo vos murmure ao ouvido estes versos esquecidos entre tantos outros:

Adeus! adeus!... não peço-te um suspiro,
Nem sequer uma lagrima sentida;
Mas se ás vezes scismando pensativa,
Repassares os dias de tua vida,
Olha esta flor que te supplica assim:
" Não te esquece de mim. "

Se nas horas de magoa passageira
Faltar um seio amigo que te entenda,
Talvez minha alma triste e respeitosa
Mesmo de longe a dor te comprehenda,
E n'uma queixa te suspire assim:
" Não te esquece de mim. "

Julgo mais acertado não continuar esta despedida: vai ficando muito triste de mais, e além disto sempre é prudente guardar o resto para alguma outra occasião que me ache desprevenido.

A proposito de despedidas, é o tempo dellas: despede-se o anno, despedem-se os bailes, os divertimentos e os jornaes; despedem-se as amigas que vão passar no campo os dias da festa, e finalmente despedem-se os namorados que, sem theatros e sem *soirées*, ficão unicamente reduzidos aos passeios *hygienicos* e ás *continencias* de janella: para estes ultimos principalmente o tempo é terrivel: teremos por ahí de certo alguma epidemia de saudades, de calos, e *torcicollos*.

Para vós ao contrario a quadra é de risos e de flores: que venha entre estas uma *saudade*, que importa? A despedida tem sempre um consolo para aquelles que sabem que não serão esquecidos, e que levão a esperanza de encontrar na volta um olhar amigo, uma palavra doce, que compense todas as magoas passadas: é só para aquelles que vão curtir sem retribuição as dores da ausencia, que a despedida é cruel.

Contudo ha no momento da separação alguma cousa de mais triste ainda e de mais acerbo do que essa despedida sem esperanza: é uma ausencia sem despedida; é não se ter sequer o mesquinho consolo de dizer o ultimo adeus, e de trocar uma derradeira promessa. Estou certo que não passareis por semelhante prova: haveis de confundir os vossos suspiros com outros suspiros, e tereis uma mão amiga para

apertar, e um seio dedicado para depositar uma ultima palavra de affecto.

No alvoroço da separação, ia-me esquecendo dar-vos uma noticia do meu romance: faço idéa quanta conjectura, quanta supposição errada, não tereis feito á respeito daquellas duas moças! Sinto muito que todo este trabalho fosse perdido: porém perdoai-me, não é culpa minha. Com o vosso espirito tão penetrante deveis ter comprehendido immediatamente que tudo aquillo era uma ficção, um sonho acordado: não ha ahi senão uma mulher, uma unica: ha porém duas existencias distinctas: uma é a sua existência intima em que ella se deixa ver como Deus a creou, modesta, cheia de poesia e de sentimento: a outra é a vida brilhante dos salões que a seduz um momento, e á que ella se entrega descuidosamente, porque não pensa que, quando se tem os olhos tão bellos e a boca tão expressiva, o olhar é uma promessa, o sorriso uma confissão. Se ella suspeitasse isto, nunca mais se faria *coquette*.

Não vos agrada talvez esta explicação? Preferis acreditar que ha realmente no meu romance duas moças diversas, e á esta hora estais scismando que isto é um meio engenhoso com o qual procuro escapar á vossa sagacidade. Pois bem; vou dar-vos uma variante que pôde ser vos satisfazer mais: como tenho um coração de uma tempera muito forte, e de grande capacidade amo á ambas, e ligo-as tão estreitamente na imaginação, que me parecem uma. Muito segredo porém, que isto é uma confissão, ou mesmo (se quereis) uma declaração que vos faço á todas, de duas em duas está entendido.

A final não ha remedio; é preciso despedirmo-nos não como eu desejava, mas como é possível á distancia, sem nos vermos, e até sem nos conhecermos. Podéis acreditar que não me agrada esta maneira de separarmos; consolame unicamente a esperanza de que vossos olhos correrão estas linhas com algum interesse e alguma sympathia, embora o coração não vos palpíte com a mesma emoção que tantas vezes me fez tremer a penna.

Não fecharemos com o ultimo adeos esta despedida sem misturar nossas lagrimas sobre uma dor commum, sem ajoelhar-mos ao pé d'uma sepultura aberta de fresco.

Reclinai a fronte, deixai cahir o pranto de vossos olhos sobre essas cinzas sagradas de mulher, de esposa e de mãe; tres bellos destinos entrelaçados n'uma corôa de rainha que se partiu de encontro á lousa do tumulo.

Não ha muito tempo uma flôr que apenas se abria ás primeiras aspirações da vida, flôr de um dia, desabrochou, sorriu, e morreu! Hoje é uma pomba, o simbolo da ternura e da bondade, que batendo suas azas brancas voou á abrigar-se no seio de Deus: foi uma rainha na terra, é um anjo no Céu!

Mas silencio! respeitemos essa dôr muda e solemne da magestade que soffre e cala. Só Deus sabe o segredo dessas magoas grandes e profundas que paralisação o coração do homem: — a religião pôde consolal-as, mas o balsamo para ellas só o ha no Céu!

L.

22 de Dezembro.

Anecdota.

Uma menina mui formosa, porém mui insipida e que não sabia conversar, queixando-se um dia a certa senhora de que por toda a parte onde ia se via cercada de adoradores, sem que soubesse o meio de se poder livrar delles, a senhora lhe respondeu: Oh! minha querida menina; nada ha mais facil: em se vendo seguida por elles, abra a boca e diga-lhes duas palavras.

Maximas.

Um só preceito de moral faz as vezes de todos: « Não faças, nem digas nunca, o que não desejares que todo o mundo veja e saiba. »

Sigamos a virtude, e não teremos que queixar-nos da fortuna.

Os nossos assignantes das provincias, que quizerem continuar a obsequiar-nos com a sua assignatura para o anno de 1854, são rogados a mandarem em tempo renoval-as, para que não haja interrupção na remessa dos jornaes.

A charada do n.º 51 é: *Peitoril*.

Acompanha este n.º 52 uma estampa com figurinos de cavalheiros.